

1º Capitulo

“Morte”

O colégio Hennies ficava na cidade de Bentley e era muito conhecido por sua tradicionalidade, o internato era dedicado a educar jovens garotas. As garotas tinham aulas com matérias de um colégio normal, incluindo música, etiqueta e vestimentas, os pais acreditavam que se formando na entidade, suas filhas não se desviariam de sua dignidade, muito menos teriam possibilidade de dar pequenas “escapadinhas”, já que o regime era rigoroso e cheio de regras, no entanto, como já era de se esperar, sempre haviam aquelas cujo os portões não seguram. Como naquela madrugada tranquila de outono, atrás de uma árvore que ficava no jardim, estava a jovem Elisabeth Becker de apenas 17 anos trocando beijos apaixonados com um velhote que aparentava beirar seus 40 anos, a idade já lhe era nítida e a barriga saliente não mentia, o homem fulvo barbudo, de cabelos “lambidos”, acariciava os fios louros ondulados da pequena garota magrela, os trajes sociais deixavam claro, o homem se tratava de um funcionário do colégio.

— Você confia em mim Lis? — disse ele ofegante, apertando a cintura fina da estudante, a saia azul xadrez do uniforme se levantou um tanto, evidenciando as coxas largas.

— Eu confio, Otto, mas... - ela se apoiava no pescoço dele.

— Então me deixe ser seu homem — à interrompeu, terminando com um beijo intenso.

Elisabeth recuou se virando de costas, ainda possuía dúvidas se devia se entregar a Otto White, que era seu professor de geometria, afinal nem mesmo solteiro ele era.

— E quando deixará sua esposa? — cruzou os braços em protesto.

— Assim que me mostrar que já é uma mulher — segurou nos ombros da garota, se inclinando no ouvido esquerdo dela, quando ia soltar algum vocábulo ambos se

assustaram com um barulho de vidro quebrando, em seguida algo grande estourando no chão.

— O que foi isso? — se virando para Otto, com a mão no peito.

— Pelo barulho, a janela do prédio deve ter quebrado — ele alisava a barba.

— Será que...

Antes mesmo que pudesse terminar a frase, a soltou outro pulo com gritos vindo da mesma direção do estrondo, assustada ela entrelaçou firmemente o professor, Otto por outro lado, tinha como verdadeiro temor, o medo de que o vissem ali, eram exatas 2h da madrugada já devia ter ido embora a horas. Um tanto desesperado ele afastou Elisabeth de seu peito com os braços.

— Deve ter acontecido algo Lis. Tenho que ir antes que me vejam aqui — beijou levemente a testa da garota, porém, ela o segurou pelo pulso, o fazendo se virar novamente.

— Não pode me deixar, e se for um invasor ou algo assim — franzindo as sobrancelhas, irritada.

— Elisabeth não seja boba, há seguranças lá fora — soltando a mão da garota.

— Se gostasse de mim não me deixaria aqui — ela seguiu furiosa em direção ao prédio.

Otto por sua vez não poderia nem cogitar perder sua confiança, pondo-se a segui-la enquanto chamava baixinho seu nome, no entanto, ela caminhava com irritabilidade sem nem ao menos olhar para trás, vendo que não havia outra maneira, ele puxou-a para trás abraçando, a garota sugou o ar.

— Perdoe-me meu amor, estive atordoado obviamente irei com você — Elisabeth o abraçou preocupada, ambos seguiram, ela ia na frente para que não chegassem juntos. A medida que foram se aproximando os gritos ficavam mais intensos, a jovem se encontrava com as pernas bambas engolindo seco. Quando chegaram na pequena ponte que ligava o jardim ao prédio puderam ver uma multidão reunida em um círculo, Otto notou que a janela do vigésimo andar se encontrava mutilada. Elisabeth correu conferir o que havia no meio do círculo de alunas e seguranças, que tentavam as afastar, o professor, no entanto, permaneceu no começo da escada. Se

aproximando a garota pode conferir por uma fresta de alunas que estavam em estado de choque, o corpo robusto nu, virado para baixo, estourado no chão, sem conseguir se segurar, ela caiu sem consciência ali mesmo na enorme poça de sangue transformando a camisa branca em vermelha.

Trinta minutos depois chegou em alta velocidade no grande e coberto estacionamento do colégio um Toyota Camry, a forma como havia sido estacionado era quase que excepcional. Do lado esquerdo do veículo saiu um homem de aparência jovial, os cabelos lisos na cor castanho claro, batiam na sobrelha, a camiseta preta apertada evidenciava seu físico esportivo, usava uma jaqueta de couro da mesma cor, calça jeans, e uma pistola presa na cintura. Já do lado direito, saltou uma moça nutrida, seu ruivo ondulado que mal batia na orelha, era nitidamente artificial, ela usava óculos redondos de armação fina, vestia uma camisa branca e calça jeans preta, também carregava uma pistola. Usavam também uma câmera pendurada no pescoço, ambos avistaram um policial fardado à espera, o mesmo parecia aflito, o rapaz caminhava posturado e apressado em direção ao oficial, a jovem tentava acompanhá-lo mas possuía um andar atrapalhado.

— Jean está magnífico, o que andou bebendo? — disse o policial mexendo as mãos com um sorriso forçado.

— Uísque. O que saiu errado? — ele mostrou irritabilidade na expressão, a mulher finalmente chegou respirando fundo, meio fadgada.

— Oi Carlos — ela direcionou um sorriso para o policial, ele respondeu sem jeito.

— Hanna, você precisa ser mais rápida — disse Jean com os braços cruzados, ela apenas revirou os olhos — Vai nos contar o que houve ou precisa de terapia guiada, Carlos — perguntou Jean, Carlos suspirou.

— Faz uns 10 minutos que despacharam o corpo — direcionou o olhar para o chão. Jean se virou com a mão na cabeça, andou alguns passos, olhou para o alto por alguns segundos, Hanna e Carlos se olhavam aflitos, o rapaz voltou para perto dos colegas com a mão na boca.

— Carlos, é trabalho de quem despachar o corpo? — disse com o olhar fixo em Carlos e as mãos na cintura.

— O dono do colégio que mandou, eu não pude impedir, mas não se preocupe porque já foi para o ME e amanhã mesmo terão o resultado.

— Sério? Eu não fazia ideia. Mas deixando sua incompetência de lado, nos leve para o local — Carlos concordou, os três seguiram em direção ao prédio enquanto Carlos relatava alguns detalhes, sobre como se encontrava o defunto quando chegaram.

Estavam no local da queda apenas alguns seguranças, 3 policiais fardados e um homem alto, que de longe se avistava o terno vermelho e o cabelo grisalho até os ombros, estavam um tanto distantes da poça de sangue. De imediato, um segurança percebeu a chegada do trio e alertou o homem, Jean prosseguia a passos longos, já Hanna e Carlos mantinham-se vagarosos, o homem se virou para receber o rapaz.

— Olá, somos Jean Mace e Hanna Bardiche — apontando seu braço em direção a colega — Somos investigadores do departamento de polícia de Bentley — mostrou o distintivo, Hanna fez o mesmo — O senhor é responsável pelo colégio.

— Prazer em conhecê-los, sou Karl Hennies, proprietário, de qualquer maneira não eram necessários investigadores. Estamos diante de um lamentável suicídio — ele falava com as mãos nos bolsos da calça, seu olhos azuis transmitiam firmeza, a postura era excepcional. Jean olhava para cima examinando as janelas.

— Esse prédio tem 20 andares?

— Precisamente.

— O senhor checkou as câmeras e constatou o suposto suicídio? — ergueu a sobrancelha.

— Só há câmeras no estacionamento, investigador.

— Devia colocar câmeras ao menos na recepção — apontou Jean.

— Veja bem investigador, essas garotas ficam aqui a semana toda, praticamente moram aqui, pense no quão desagradável é ser viajada constantemente.

— Se houvesse câmeras, teríamos a resposta em segundos, mas bem, voltando a nosso objetivo... — caminhou em direção ao sangue — Qual motivo de uma pessoa se suicidar nua, logo depois de ter rasgado a bochecha direita. Isso segundo meu colega, policial Carlos — Jean voltou-se para Karl.

— Sem dúvidas, faz sentido. Os senhores poderão voltar amanhã. Agora preciso contatar minha equipe de limpeza — inclinou levemente a cabeça para trás.

— Vai nos perdoar Sr. Hennies, no entanto, ainda temos trabalho à fazer — pousou as mãos na cintura — Nick e Carlos chequem as câmeras do estacionamento o Sr. Hennies os acompanha. Quero saber se algum estranho entrou no colégio, já Kevin e John estão liberados. Hanna me acompanhe, vamos até o vigésimo andar — caminhou em direção as escadas da recepção que se encontravam com algumas gotas de sangue, a colega o seguiu, Karl mantinha uma expressão gélida enquanto pedia que os dois policiais o acompanhassem até as câmeras.

O salão da recepção era grandioso e luxuoso, as escadas tinham o corrimão branco, estátuas de anjos na parte superior das paredes, o piso era revestido de um grande tapete vermelho. O ambiente encontrava-se cheio de alunas sendo atendidas pelos enfermeiros do colégio, algumas suspiravam de choro. Já o balcão do recepcionista estava vazio, pois os funcionários já haviam partido, Jean e Hanna caminhavam apressados em direção a um dos dois elevadores. Chegando no vigésimo andar, o investigador entrou lentamente analisando a área, o corredor possuía cerca de 15 metros, o piso feito de madeira polida, nas paredes haviam quadros do pintor Francis Bacon, no final do corredor estava a janela que possuía um pouco mais de 2 metros estava despedaçada, ao lado esquerdo dos elevadores havia uma porta, assim como ao lado direito, no começo do corredor uma outra porta, os dois caminharam até a janela.

— Tem algumas gotículas de sangue aqui, deve ter cortado no vidro — concluiu Hanna, Jean se aproximou da janela, abaixando-se.

— O piso está úmido. Limparam depois que ela caiu. Estava descalça, devia ter marcas dos pés no chão — disse Jean passando o dedo no piso — se ela tivesse mesmo se jogado teria aberto a janela. Para se jogar daqui nessas circunstâncias teria que ter um impulso. Hanna, verifique a sala ao lado esquerdo do elevador, veja se o chão está úmido, eu vou nas outras — entregando-las luvas de látex para não comprometer as digitais.

Antes de entrar a moça acendeu uma lanterna, checando as digitais, não havia nenhuma aparente, ao entrar na sala, Hanna constatou que as luzes acendiam por sensores, haviam fantasias, parecia ser um depósito de figurinos, a sala era enorme, lotada de roupas por todos os lados e vários vestidos pendurados, o chão estava sujo com manchas marrom. Na sala da direita, Jean encontrou diversas estantes com livros empoeirados, alguém facilmente poderia se perder ali, o investigador fez questão de ser minucioso ao averiguar cada canto daquela sala, entretanto, não encontrara nada. Ao ir até a outra sala, após fazer o procedimento de procura pelas digitais, descobriu que a porta estava trancada, como não estava acostumado a

perder tempo, usou um clipe para abri-lá, sem exitar, adentrou desconfiado, olhou em volta verificando se não havia ninguém por ali, Hanna, por sua vez, saiu da sala indo até ele.

— Não encontrou nada? — ele perguntou.

— Não e você?

— Nada — Jean entrou observando espaço. A sala possuía o mesmo tamanho das outras, haviam muitas telas com pinturas de jovens loiras com asas de anjos, alguns quadros estavam caídos. Na frente, havia uma estante com diversas tintas e telas, Jean passou novamente o dedo no chão — Aqui também está úmido, mas na sala em entrei não estava.

— A que verifiquei também não está.

— Algo aconteceu aqui — Jean avaliava uma pintura em que uma jovem tocava flauta. Ele caminhou por todo o espaço — Pode ter sido uma luta, está tudo bagunçado. Não tinha digitais na porta em que você entrou?

— Não, e nas suas?

— Não. Se foi mesmo alguém que fez isso, significa que é cuidadoso, de manhã quero que chegue ao departamento com todos os dados da vítima, certo Hanna?

— Tudo bem, agora podemos ir, quero ter as minhas três horas de sono — resmungou Hanna .

— Não seja dramática, dorme até encostada na parede, ou pensa que não vejo? — ela ficou boquiaberta.

— Isso é calúnia.

— É, me processa — Jean andou em direção a saída, Hanna foi atrás. Ele encostou a porta, depois seguiu em direção a janela — Vamos isolar a área — o rapaz retirou uma fita amarela do bolso cercando a vidraça, também colocando na porta do elevador. Os policiais que verificaram as câmeras encontraram-nos na recepção, informando que Hennies não identificou ninguém estranho entrando naquele dia.

Ao amanhecer Hanna chegava apressada no departamento, o imenso lugar era cercado por mesas com computadores. Os policiais em início de carreira não tinham sua própria sala, o que não era o caso de Jean, que já possuía 10 anos de profissão. A jovem seguiu em direção a sala do rapaz, parecia tensa e receosa, abrindo a porta pode contemplar o colega anotando algo em seu bloco de notas, Hanna observou ao redor do pequeno ambiente, que só cabia uma mesa e um armário, se perguntando se algum dia também ganharia sua própria sala.

— Ontem mesmo, conversamos sobre você dormir em pé, Hanna — Jean chamou-lhe a atenção, ela voltou a realidade — Aonde está o que te pedi? — anotando enquanto a colega caminhava sorridente até a cadeira.

— Eu falei com a secretária do colégio, me passaram todos os dados da garota, a mãe já reconheceu o corpo — entregando um envelope ao colega, Jean se ajeitou rapidamente pegando-o.

— Perguntou se ela frequentou a aula?

— Sim, ela assistiu à 5 aulas, saindo da sala às 2:30 da tarde.

— Lilly Olive, 18 anos, 30 advertências, só nesse ano — havia uma foto da garota ao lado dos dados, carregava uma expressão de irritabilidade, seu cabelo ruivo liso, decorava o rosto redondo e bochechudo, Jean se inclinou na cadeira, Hanna se dispersou em pensamentos.

Os dois permaneceram na sala por um bom tempo, aguardando o horário em que buscariam o resultado da autópsia, Jean se mantinha concentrado revisando as informações de Lilly Olive, enquanto Hanna brincava com uma caneta e divagava nos pensamentos. Até que finalmente a esperada hora chegou, o rapaz pulou em polvoroso da cadeira seguindo em direção a porta, a moça levantou com calma, fechando a porta ao sair. Os dois companheiros partiram até o morgue, um gigantesco prédio, aonde aconteciam os exames, Jean sempre caminhando como se estivesse atrasado para pegar algum ônibus, Hanna sempre fadigada com uma expressão de prostração. Ao saírem do elevador seguiram em direção a tão morbosa sala, entrando, puderam observar um velhinho curvado, que parecia mais um defunto como os que tinha nas gavetas, a seu lado estava o corpo da aluna em uma maca coberto dos seios para baixo, com um fino lençol azul, seu rosto estava desfigurado, o doutor limpava algumas pinças.

— Chegaram cedo hoje — disse o velho deixando as ferramentas de lado.

— Não conseguimos conter a saudade do senhor, doutor — disse Jean puxando uma cadeira para sentar.

— Olá doutor — Hanna cumprimentou o médico, ele retribuiu.

— O que tem para nós? - prosseguiu Jean.

— Certo, me passaram que ela supostamente havia se suicidado, claramente a queda foi de frente, no entanto, há hematomas na região da cabeça, me ajude aqui filho — o doutor pediu para que Jean o ajudasse a sentar o cadáver de Lilly, a cabeça estava raspada — O primeiro se encontra na nuca, já a segunda pancada foi aqui na região parietal — constatou o doutor enquanto ele e Jean seguravam o corpo.

— A bochecha pode ter sido rasgada na queda? — perguntou Jean.

— Vamos deitar ela novamente — Jean e o doutor deitaram o corpo, o médico pegou uma pinça e abriu a boca cadavérica da garota.

— Vê, está sem língua, é muito improvável que a tenha perdido na queda.

— Que maldade — disse Hanna incrédula.

— Hemorragia arterial pode ter causado a morte — argumentou o doutor.

— Sim, mas antes a desmaiaram com pancadas. Parece estúpido, matar e depois jogar o corpo da janela — respondeu Jean.

— Foi feito o exame de PSD, não há nenhum sinal de que tenha sido violentada, também tem hematomas nos braços, se debateu bastante — o doutor mostrou os pulsos da garota para Jean.

— É tudo? — perguntou Jean.

— Sim, eu tenho que liberar o corpo — cobrindo o cadáver.

— Certo, até a próxima doutor, espero que não nos vejamos tão cedo — o médico sorriu, Hanna também agradeceu e os dois foram em direção a saída, Jean planejava voltar imediatamente a Hennies. Ambos seguiram até o carro, agora o policial permanecia calado e pensativo, a jovem imaginava que seu colega, por certo, calcularia seus próximos passos.

Na mesma manhã as garotas prosseguiram suas aulas ainda muito assustadas com a situação. Elas usavam um uniforme constituído de uma saia azul xadrez, camisa branca com um H em dourado, blazer azul, gravata da mesma cor, meias até o joelho, e sapato boneca. Na classe 21, quem ministrava a aula de educação cívica era a volumosa senhorita Mary Marks, ela lia um livro enorme sentada em sua mesa, enquanto as garotas, sentadas a frente dos seus computadores, cochichavam com as colegas ao lado e a frente, no entanto, Elisabeth Becker permanecia em um silêncio avassalador, ela se quer percebeu quando Annie Kimura, uma garota magra com traços asiáticos, cutucou seu ombro, como aceitar ser ignorada não era uma opção, ela puxou o cabelo de Elisabeth, que se assustou e antes mesmo que percebesse havia soltado um grito, Annie se encolheu na cadeira enquanto a professora encarava Elisabeth que seguia paralisada, as outras garotas olhavam para ela com sarcasmo, a professora interrompeu a leitura abaixando o livro.

— Elisabeth Becker, pode se retirar, por gentileza — em tom de irritabilidade, a garota permaneceu imóvel e calada.

Uma aluna que se sentava na primeira carteira se levantou levemente, com um sorriso de canto, diferente das outras garotas, os sapatos dela possuíam saltos e a saia era mais curta, destacando suas pernas grossas, os cabelos castanhos batiam nos quadris, usava uma fita vermelha no topo da cabeça, e os olhos eram tão azuis quanto o mar.

— Com licença senhorita Marks, posso cuidar de Elisabeth? — com as mãos para trás.

— Fique à vontade, Estella — retornou a ler o livro.

Estella possuía um andar sensual, com a postura beirando a perfeição, as outras estudantes a olhavam da cabeça aos pés, admirando seu físico, algumas a desejavam, outras invejavam, mas todas refletiam o quanto era maravilhoso ser a presidente.

— Venha comigo, Elisabeth — disse Estella pegando nos ombros da garota.

As duas passaram a caminhar pelo longo corredor, Elisabeth estava cabisbaixa com os olhos vermelhos, a presidente a parou pegando em seu braço, conduzindo-a a uma vidraça, pegou em seu rosto e virou-o em direção a vista da janela, o sol tocou a face de Lis tornando seus olhos em duas esmeraldas, a fazendo soltar um leve sorriso.

— O que há com você Lis? — perguntou Estella, pegando na mão da garota.

— A noite...Vi o corpo da Lilly — suspirou, soltando a mão e colocando-a no vidro.

— Não sabia que eram próximas.

— Não eramos, mas me dói pensar que se jogou porque rimos dela — os olhos de Elisabeth, umideceram.

— Isso foi uma decisão dela, não podemos questionar — Estella alisou os cabelos da colega.

— Só quero esquecer isso.

— O que acha de um chá? - Estella montou uma expressão de ânimo.

— Só o que poderia me animar, seria algo que me deixasse bêbada — Elisabeth relaxou a fisionomia.

— Posso te ajudar nisso também.

— Acho que o chá já serve — Elisabeth gargalhou, as duas seguiram sorrindo.

Adentrando o salão do colégio Jean, Hanna e outros 2 policiais eram observados atentamente pelas estudantes, era nítido que algumas devoravam o homem com os olhos, no entanto, ele ignorou totalmente a situação se mantendo focado, como de costume. Hanna por sua vez estava apreensiva, o ambiente escolar lhe trazia recordações nada agradáveis, os dois investigadores seguiram em direção ao balcão de recepção.

— Bom dia, somos Jean Mace e Hanna Bardiche, viemos investigar o ocorrido — mostrando o distintivo, Hanna fez o mesmo.

— Bom dia senhores, a secretaria pessoal do Sr. Hennies pediu para que à aguardassem aqui — respondeu a recepcionista, gentilmente.

— Não entendo porque, afinal já nos passou as informações sobre a aluna, de qualquer maneira, obrigado — Jean voltou-se para Hanna, descontente.

Os dois sentaram-se em uma poltrona por alguns minutos, a moça analisava a arquitetura do local, enquanto o rapaz tentava ligar os rastros deixados no corredor com o resultado da autópsia, as alunas já haviam se retirado para as aulas.

— Essa escola parece uma igreja — disse Hanna olhando em volta.

— Sim, eu pesquisei e já tem mais de 80 anos – Hanna ficou boquiaberta.

Ouviu-se o barulho do elevador, uma bela mulher negra evadiu-se, seus cabelos cacheados eram de um breu intenso, usava óculos de armação fina, e um decote a evidenciava sutilmente os seios fartos, ela desfilava com os saltos finos, carregando uma expressão acida. Caminhou até os investigadores.

— Olá senhores, sou Margot Scott.

— Sim, nós a desculpamos por nos fazer esperar — zombou Jean, se levantando, Margot manteu a expressão rígida.

— É um prazer conhecê-la sou Hanna Bardiche, nos falamos hoje mais cedo por telefone — levantou-se estendendo a mão.

— Também é um prazer conhecê-la Hanna — aceitando o cumprimento — Eu estava cuidando de algumas questões investigador — soltou um sorriso forçado.

— Sou Jean Mace, mas o que gostaria de falar conosco?

— O fato é que o Sr Hennies não vê necessidade do uso de armas enquanto permanecem na instituição, visto que aqui só há pessoas inofensivas.

— O fato é senhorita Scott, que nossas armas são instrumentos de trabalho.

— Totalmente desnecessário enquanto permanecem aqui.

— Isso é o que você diz, baseado apenas no que o seu chefe pensa.

— Está bem, entrarei em contato com seus superiores.

— Fique a vontade, vamos Hanna, já perdemos muito tempo com essa informação inútil — o rapaz pôs-se a caminhar em direção ao elevador, a colega o seguiu enquanto Margot sacudia a cabeça em um sinal de reprovação.

Ao chegar no vigésimo andar Jean retirou duas luvas descartáveis, uma câmera e grafite spray, da bolsa que carregava, entregou um par de luvas à Hanna e colocou o outro. Os acompanhantes foram até as portas com o intuito de recuperar digitais.

Com pressa, o investigador passou o grafite ao redor da janela, depois de um trabalho intenso, revelou-se algumas pegadas, surpreendentemente, também revelou as marcas de rodas, Jean continuou agitando e seguindo as marcas que prosseguiram cada vez mais em frente, até que o frasco se esvaziou.

— Rápido me alcance outro, Hanna — arcado com a lata vazia, Hanna foi imediatamente checar a bolsa.

— Não tem...

Ouviu-se a porta do elevador se abrindo, dele saltou a glamourosa presidente, com as mãos para trás, Jean se levantou indo em direção a estudante com uma expressão gélida. A uma distância próxima, seus olhos mel se encontraram com os olhos azuis de Estella.

— Está área está cercada senhorita, não pode entrar aqui.

— Me desculpe senhor policial, mas como pode ver eu também tenho um distintivo — sorriu erguendo-o.

— Mas o que é isso? — ele se aproximou — É seu Hanna! — Estella o entregou para Jean.

— Meu? Mas... — a investigadora se aproximou nervosa, a jovem presidente soltou um leve sorriso, Jean se voltou para ela.

— Me perdoem, eu encontrei no salão da recepção, vim apenas devolvê-lo.

— Que descuido, Hanna - a investigadora ergueu as sobrancelhas.

— Não seja duro com ela, pode acontecer com qualquer um. Meu nome é Estella Hennies, sou a presidente da classe onde Lilly estudava, então se precisarem de alguma ajuda, estou à disposição.

— Jean Mace e aquela do seu distintivo é Hanna distraída — o rapaz olhou torto para a colega, que revirou os olhos, enquanto Estella o fitou.

— É um prazer conhecê-los, vou deixar que trabalhem, não existem em pedir ajuda, caso precisem.

— Obrigado pela colaboração — ele sorriu.

A estudante entrou no elevador, enquanto a porta se fechava não tirou o olhar do investidor nem por um segundo, Jean voltou-se para Hanna dando-lhe um pequeno sermão, a mesma só tapou os ouvidos, as brigas eram frequentes, porém, tinham uma relação de amizade genuína, o rapaz voltou a verificar na bolsa em busca de mais grafite.

— Não é possível que não tenha mais — jogou a bolsa no chão.

— Era isso que ia lhe dizer — Hanna colocou as mãos na cintura.

— Então não fique aí parada e me traga mais.

— Quer que eu vá comprar mais ou buscar no departamento?

— Não me importa, tudo o que sei é que preciso de mais grafite, ok?

— Tudo bem, não precisa ficar nervoso, eu trarei mais — pegou a bolsa e caminhou até o elevador.

— E por favor volte logo, não como um zumbi — a investigadora apenas murmurou baixinho “ranzinza”.

No deslumbrante refeitório estavam Annie e Elisabeth sentadas em uma mesa com toalha vermelha, haviam várias assim, o lugar se assemelhava a um restaurante ambas degustavam uma salada, a jovem Kimura parecia animada, enquanto a amiga carregava tédio em seu semblante.

— Estão dizendo que a polícia voltou — disse Annie enquanto segurava seu garfo — Gwen me disse que o investigador — se aproximou de Elisabeth — É quente — mordeu o garfo com um sorriso. Elisabeth continuou séria.

— Há coisas mais importantes para se pensar, Annie.

— Como o que? — Annie se inclinou na cadeira.

— Com o fato de que, nunca imaginamos que Lilly estava tão triste ao ponto de tirar a vida — a garota empurrava as folhas no prato.

— A mim, a gorda não faz falta.

— Cale a boca! — Elisabeth se levantou com irritabilidade.

— Não precisa ficar nervosinha Lis, está sendo hipócrita.

— Nunca fui maldosa como você — sentou-se.

— Preciso te lembrar quando ria dela nas aulas de educação física.

— Eu errei, mas me arrependo — seus olhos enxeram de lágrimas.

— Não seja estúpida. Ela fazia o mesmo com Samara, e alias, se os policiais voltaram, pode ter sido assassinada.

— O que? De onde tirou isso? — questionou Elisabeth, Annie olhou para Estella que entrou no refeitório acompanhada de várias garotas, as quais a seguiam por mero interesse.

— Ela te ajudou na sala hoje. Você notou que ela só tem amigas louras, será que é racista?

— Você fala tantas bobagens Annie, devia passar uma fita na boca.

— Ofendi sua amiga presidente?

Otto também passava pelo salão com a companhia de três jovens que o questionavam sobre a matéria, a conversa pareceu bastante agradável, o que deixou Elisabeth um tanto enciumada, a possuía o gritante medo de ser trocada por outra, ela se viu paralisada observando aquele dialogo.

— Elisabeth? — Annie puxou seu cabelo, fazendo-a voltar a realidade — Você está muito estranha — Lis suspirou.

As horas foram correndo e Jean Mace se deparou com um aborrecimento profundo, a demora da colega não lhe era justificável. Observou a porta das telas por um instante. O rastro de rodas estava a cerca de dez metros de distância da sala. Analisando o rastro o rapaz caminhava em direção a ela, entrando observou minuciosamente cada parede, a sua esquerda possuía uma janela, a direita uma tela de um jardim vermelho, no centro havia uma estante com telas em branco e outra

com tintas e pincéis, o rapaz pode perceber uma pequena fenda entre as duas, em uma corrida atrapalhada chegou Hanna ofegante, pedindo desculpas. Imediatamente Jean pediu o spray, a colega o olhou confusa, entregando um frasco para ele. Desesperado, esborrifava o líquido sem cessar até finalmente ver com clareza que os rastros das rodas pareciam vir de dentro da parede de tintas.

— Hanna corra e verifique se o lixo de hoje já foi coletado, caso não tenha sido procure por um carrinho, provavelmente de limpeza — se voltando para ela com um semblante de extrema seriedade, Hanna foi imediatamente.

O investigador foi para perto da estante puxando bruscamente descobriu que se tratava de uma parede falsa. Ao entrar sentiu a podridão invadir suas narinas, o piso era de cerâmica branca, porém, agora estavam tingidas com sangue seco, havia apenas uma banheira a qual estava completamente suja do viscoso líquido vermelho, e uma pia. Na lateral da banheira haviam toalhas cobertas de sangue e um uniforme no mesmo estado, do outro lado, um martelo na mesma situação e dois sapatos jogados um de cada lado, não suportando o odor o rapaz espremeu as narinas, ligando o exaustor, pegou seu telefone para chamar reforços.

2º Capítulo

“Revelação”

O prédio do conceituado colégio, encontrava-se rodeado por viaturas, os policiais entravam calmamente pelos corredores segurando seus rifles, alguns estavam trajados com roupas especiais a fim de coletar o sangue presente no pequeno espaço do vigésimo andar. As alunas foram dispensadas das aulas, no entanto, as ordens eram de que permanecessem em seus quartos, muitas estavam assustadas com a quantidade de oficiais, outras curiosas. Jean Mace seguia apressado em direção a sala do diretor que ficava no décimo nono andar, o corredor era enorme enfeitado com um lindo tapete vermelho que se estendia desde a porta do elevador até a mesa de Margot, no meio dele se encontrava uma sala, no teto haviam lustres, nas paredes os nomes dos fundadores em placas de ouro, ao lado esquerdo do balcão, uma porta, do outro lado se estendia um novo corredor com outras portas. A primeira tinha uma placa também de ouro, intitulada como “direção”. O investigador se aproximou do balcão da secretária, com rispidez.

— Qual das salas é a de Karl Hennies? — disse o rapaz.

— Eu vou avisar que quer vê-lo — a secretária se levantou.

— Não é necessário, já encontrei — Jean se dirigiu até a porta de Karl, Margot bateu o pé no chão, irritada.

Com certa agressividade o rapaz entrou. A sala do diretor possuía um espaço bem amplo, havia uma linda vidraça com vista para todo o jardim, sua mesa era de madeira, nela se encontrava um computador, telefone, papéis e canetas, na parede um quadro de uma linda moça loura, usando um vestido vermelho e fita da mesma cor nos cabelos, gravado em baixo um nome "Roxane Hennies", abaixo um piano. Karl estava sentado em sua mesa, vestia um terno preto com uma camisa vermelha, a seu lado em pé, estava Estella, ao entrar Jean notou que estavam um tanto exaltados, ambos se ajeitaram com sua entrada.

— Que surpresa, investigador — disse Estella com um sorriso, seu rosto estava vermelho. Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha.

— Eu também acabei de ter uma grande surpresa — o rapaz se sentou na cadeira a frente de Karl.

— Saia Estella, sei que algo grave está acontecendo... — a garota abaixou a cabeça e saiu lentamente.

— Por que há uma parede falsa no vigésimo andar?

— Servia como uma área de banho. Nas aulas de arte as garotas costumavam pintar o corpo todo. Isso a alguns anos atrás — se inclinou para trás — resolvemos banir essa prática então apenas fechamos com algumas estantes.

— Faz quanto tempo isso? — Jean também se inclinou.

— Talvez 8 ou 10 anos, é difícil ter um número exato.

— Todas as alunas tinham conhecimento desse espaço?

— Acredito que sim.

— Todas as turmas frequentam essa sala?

— Com exceção desse andar e do subsolo, que é aonde ficam as salas das equipes de limpeza. Todos os outros cômodos do colégio são liberados.

— Compreendo — Jean se endireitou na cadeira — Eu preciso de uma lista com os nomes de todas as que estavam na mesma classe da Lilly Olive.

— Vou providenciar — Karl pediu por telefone que Margot trouxesse a lista, enquanto aguardavam, ambos pareciam analisar um ao outro — A quanto tempo é policial?

— Tempo suficiente, a quanto tempo é diretor? — o rapaz observava o quadro na parede.

— O necessário. Essa é minha mãe, ainda jovem — o diretor se referiu a pintura.

— Muito bonita, com todo respeito.

— Não só bonita, mas também uma pessoa de extrema generosidade — Jean balançou a cabeça afirmativamente. Margot finalmente entrou com a lista.

— Ótimo, pode entregar diretamente ao investigador, senhora Scott — entregou-o.

— Então é “senhora”, me perdoe pelo “senhorita”, mais cedo — Jean pegou o papel.

— Não vamos nos prender a convenções — ela sorriu falsamente — Com licença, senhor Hennies — Karl afirmou com a cabeça, ela saiu. Jean avaliou os nomes.

— Eu quero todas essas garotas daqui uma hora no departamento de polícia, acompanhadas dos responsáveis — Jean levantou-se saindo da sala. Karl abriu sua gaveta, havia ali um charuto Davidoff e uma tesoura, pegou o charuto acendeu-o. Levantou com a mão no bolso, observou o jardim, enquanto exalava a alma do cigarro.

Voltando ao último andar, o investigador pediu tudo que precisava para a equipe, seu objetivo era saber a quem pertencia o sangue na banheira, bem como verificar as digitais que possivelmente estariam no objeto ensanguentado, já Hanna havia revirado as latas de lixo, sem sucesso, não havia encontrado nenhuma pista de um algum carrinho de limpeza, contou ao colega com certa frustração.

— Tudo bem, vamos até o subsolo, quero averiguar a minha suspeita — Hanna concordou, os dois seguiram para seu destino. Uma funcionaria os levou até uma sala aonde se localizava os equipamentos de limpeza, haviam diversos carrinhos com tambores vermelhos, Jean prontamente pegou um.

— Entre aí, Hanna.

— Jean, sabe que não deve trabalhar bêbado — se afastou.

— Não me faça perder tempo, entre logo.

— Fala sério? — o rapaz confirmou com a cabeça, Hanna adentrou com certa dificuldade, precisando da ajuda do colega. Jean se inclinou para frente e correu até o fim da sala com a moça, ela se segurou com firmeza soltando um grito, no meio do percurso o objeto já havia se partido, quando chegou ao fim, Hanna foi para frente quase indo ao chão.

— Muito bom, Hanna. As mãos do nosso culpado estão calejadas — ele olhou para as próprias mãos, em seguida para dentro do carrinho. A colega lançou um olhar de fúria — Não se exalte, mais tarde te levo para jantar — sorriu acariciando os cabelos dela.

Karl Hennies admirava seu reflexo no espelho do elevador, o homem olhava fixo para os próprios olhos azuis. Examinou o relógio Jaeger-LeCoultre, quando a porta se abriu, adentrou a enorme biblioteca, o ambiente era branco, com 2 andares de estantes de livros, no teto pinturas de anjos, as vidraças do segundo andar iluminavam o cenário. Ao fundo da biblioteca, se via uma garota baixa sentada na escada, lendo um livro, ela usava o uniforme do colégio, com luvas brancas de renda, seus cabelos castanhos batiam nos ombros, usava uma fita vermelha no topo da cabeça. Hennies se aproximou lentamente, com a mesma expressão gélida.

— Meu pai! — ela exclamou se levantando e abraçando o diretor.

— Minha doce Joelle, como se sente? — ele a abraçou, afastando-a em seguida.

— Estaria melhor se o senhor não estivesse com problemas — tornou a sentar.

— Isso não é um problema, é um pequeno percalço — se aproximou dela — me conte, por que tomou as dores daquela garota?

— Olive era a única garota com quem eu...debatia.

— Garotinha tola. Por que não aprende com Estella? — ele segurava no queixo de Joelle.

— Por mim, ela vai pro inferno! — se levantou.

— Basta Joelle Hennies! — gritou — basta.

— Perdoe-me — abaixou a cabeça.

— Não posso lhe conceder o perdão depois do que fez — a expressão da garota se transformou em uma tristeza profunda — Mas deixando isso de lado, está com dores? Cólicas? — Karl pegou no ombro de Joelle o rosto dela corou, Karl sorriu levemente — Não precisa ter vergonha, sou seu pai — ele acariciou seus cabelos , ela o observou com ternura.

Havia apenas uma mesa, quatro cadeiras e um espelho de observação, com a luz baixa, típico de uma sala de interrogatório, Jean e Hanna aguardavam sentados. A mãe de Lilly Olive também havia sido intimada, no entanto, comunicou que não poderia comparecer já que era vereadora da cidade e estaria em uma sessão legislativa, a princípio a frieza da mãe causou estranheza aos investigadores. Finalmente a hora do depoimento havia chegado, a primeira a entrar foi Annie Kimura, estava vestida com o uniforme, sozinha, seus cabelos estavam bem penteados, andava como se estivesse dançando.

— Olá — cumprimentou os investigadores, sorridente.

— Qual seu nome? — perguntou Jean.

— Annie Kimura, é um prazer conhecê-lo — seus olhos contemplavam o rapaz.

— Também é um prazer, sou Jean Mace e essa é minha colega Hanna Bardiche, pode se sentar – apontou para a cadeira a sua frente — Aonde estão seus pais?

— Estão no Japão, minha mãe nasceu lá, aqui está uma autorização — entregou um papel para o policial.

— Tudo bem, vou te fazer algumas perguntas — ela confirmou com a cabeça — Você sabe por que está aqui hoje?

— Sim, uma colega de classe morreu.

— Me diga exatamente o que fez no dia do ocorrido, desde a hora em que acordou até o momento em que tudo aconteceu — Jean a observava atentamente.

— Me arrumei para as aulas, tomei meu café, fui para sala e tive as aulas de geometria, que eu odeio, algumas horas depois fui para detenção, porque a estúpida da Lilly jogou o caderno de Samara em mim e depo... — olhava para o teto tentando se lembrar.

— Estupida? — Jean interrompeu.

— Me desculpe — suplicou nervosa.

— Tinha conflitos constantes com Lilly Olive?

— Não...Ela não era uma pessoa de fácil convívio — apertava as mãos.

— E por que a chamou de estúpida?

— Porque naquele dia foi...Foi infeliz em suas atitudes.

— Quando a viu pela última vez?

— A tarde, ela saiu no meio da aula.

— Que horas eram?

— Entre as 2 até as 3.

— Onde você estava na hora do incidente?

— Com minha amiga, Elisabeth — coçou o nariz.

— As duas da madrugada?

— Sim, tem dias que dormimos juntas.

— E o que estavam fazendo nesse horário?

— Conversando.

— Sobre?

— Eram muitos assuntos.

— Teve algum sobre o qual você não esqueceu?

— Quando falamos sobre garotos.

— Quais garotos? Até onde sei, no internato tem apenas garotas.

— Os famosos, das revistas — olhou para baixo.

— O que acha que houve com a Lilly?

— Alguém a matou e... jogou da janela.

— Quando eu disse que foi morta? — perguntou Jean, com a testa franzida.

— É o que estão dizendo.

— Quem está dizendo?

— As garotas do colégio — ela respondeu impaciente.

— Não, quem especificamente te disse.

— Na verdade eu deduzi, porque vocês estão investigando, e ouvi boatos...

— Está se contradizendo.

— Por favor! Não quero responder mais nada — ela se levantou.

— Tudo bem, pode me mostrar suas mãos — Annie estendeu as mãos, Jean as virou, estavam sem ferimento algum, quando a dispensou, saiu tremula, o investigador voltou-se para colega.

— Ela está mentindo, mas não tem as mãos que eu esperava — ele disse colocando a mão no queixo.

— Talvez usou luvas — Hanna respondeu enquanto mastigava a caneta.

— Com tem uma comparsa, nenhuma delas conseguiria erguer a garota, sozinha. Peça para Elisabeth Becker entrar, Hanna — ele lia a lista de nomes.

Elisabeth Becker entrou de cabeça baixa, estava acompanhada de seu pai, um homem cuja expressão era de extrema rigidez, vestia terno e sapatos de marca, bem como, carregava uma maleta, a garota cumprimentou os investigadores que se apresentaram, enquanto seu pai disse apenas o nome.

— Sou Antony Becker — pai e filha sentaram-se.

— Me lembro de você senhorita Becker, estava no salão da recepção quando chegamos, na noite do assassinato — Jean olhou profundamente em seus olhos, a garota sentiu um calafrio invadir seu corpo.

— Minha filha é suspeita? Isso é um absurdo. Não foi isso que nos informaram.

— Esse interrogatório serve apenas para coletar informações de pessoas próximas a vítima. Por hora, todos são suspeitos. Chegou a ver o corpo da sua colega, Elisabeth? — Antony olhou para filha.

— Apenas por um instante — seus olhos enxeram-se de lágrimas.

— Eu notei que estava suja de sangue.

— Desmaiei quando a vi.

— Era próxima da Lilly?

— Não, somente colegas.

— Aonde estava antes do incidente? — as pernas da garota começaram a tremer tão intensamente, que a mesa balançou.

— Elisabeth! — exclamou o pai com as sobrancelhas franzidas.

— Esta... — respirou — estava em meu quarto.

— O que fazia? — Mace continuou.

— Eu lia Shakespeare — engoliu em seco.

— Qual título do livro?

— Hamlet — respondeu de imediato.

— Só uma das maiores obras da literatura mundial — Jean franziu a testa em tom de dúvida.

— Sim.

— Estava sozinha?

— Estava — desviou o olhar.

— Posso ver suas mãos, Elisabeth?

— Claro — a estudante estendeu-as, estavam levemente feridas.

— O que houve com elas?

— Foi quando desmaiei.

— Quando viu Olive, pela última vez?

— Me lembro de tê-la visto nas aulas da manhã, mas não a vi quando todas as aulas acabaram.

Jean finalizou as perguntas, o pai se despediu do mesmo jeito que entrou. Com a face atribulada, se dirigiu até a porta na frente de Elisabeth, que ao contrário do homem, foi gentil ao dar adeus. Já para fora, ela sentou-se em algumas cadeiras de espera, respirando fundo.

— Já perdi muito tempo aqui, vamos vou levá-la para o colégio — olhou para o relógio.

— Não precisava ter vindo — se levantou irritada.

— Se estudasse em casa, eu não precisaria perder horas de trabalho resolvendo seus problemas — estava irritado.

— É só com isso que você se importa! Com seu maldito trabalho.

— Fale mais baixo Elisabeth, estamos na delegacia.

— Quer que eu fale baixo pra que não escutem que você é um pai horrível.

— Não vou permitir que fale assim comi...

— Você é insuportável! Ninguém te aguenta, nem a minha mãe te suportou por isso foi embora — ela deu as costas, voltando a olhá-lo em seguida — E também é por isso que vai morrer sozinho — Elisabeth saiu andando, Antony tentou ir atrás repreendê-la, no entanto, ela virou-se novamente — E não preciso que me leve para o colégio, eu tenho amigas, não sou como você! — saindo em seguida, o pai apenas observou o chão perdido em pensamentos.

Algumas outras garotas entraram para ser interrogadas, entretanto, não disseram nada que as colocasse sob suspeitas, algumas apontaram que Samara Abrams era constantemente bolinada por Lilly Olive. Após ouvir os relatos Jean pediu para que a estudante entrasse. Abrams adentrou a sala com um olhar perdido, seus cabelos lisos dourados estavam presos, em um “rabo de cavalo” baixo, os olhos pareciam duas safiras, a saia passava dos joelhos, estava acompanhada de sua mãe, a garota cumprimentou timidamente os investigadores, a mulher se apresentou como “Ruth Abrams”.

— Me desculpe investigador, mas eu não compreendo o porquê da minha filha ter sido chamada — as duas sentaram-se.

— Nós queremos informações de pessoas que eram mais próximas a vítima.

— Vítima... — Ruth se voltou para filha — Por que não me contou Samara?

— Não queria que me tirasse do colégio — sua voz era tão baixa que mal dava para se ouvir.

— Você nem devia estudar lá, devia estar em uma escola judaica — a garota ficou desconcertada, por levar um sermão na frente dos investigadores.

— Eu vou te fazer algumas perguntas, Samara — interrompeu, Jean — Conversou com Lilly Olive ontem?

— Não.

— Vou reformular minha pergunta, ela te fez alguma provocação ontem?

— Samara, está brigando na escola, e ainda não quer sair de lá? — a mãe voltou-se novamente para a garota.

— Hanna por que não leva a senhora Ruth Abrams, para tomar um café? — Ruth pareceu confusa — Hanna também é judia, vive reclamando que não tem com quem conversar, sobre sua religião — a mãe sorriu concordando.

— Eu sou?

— É... — o investigador olhou irritado.

— Vamos temos muito o que conversar — disse Hanna se levantando, Ruth sorriu, aceitando o convite, as duas se retiraram.

— Como era seu relacionamento com a Olive?

— Não tinha nenhum relacionamento, ela só era a dona do circo e eu o palhaço — Samara olhava para o chão.

— Há que horas a viu pela última vez?

— Eu a vi entrando no dormitório, quando olhei no relógio eram 3 da tarde.

— Você não estava em aula?

— Eu falto bastante.

— Foi atrás dela?

— Não, só a vi passar.

— Você falou com ela?

— Não.

— Como ela estava, parecia triste, confusa, irritada?

— Estava normal, geralmente ela me ignorava quando não tinha ninguém por perto.

— Havia alguém vindo atrás dela, ou alguém aonde você estava?

— Não, estava sozinha.

— O que fez depois disso?

— Fui para perto do lago.

— Até que horas? Estava sozinha?

— No lago eu estava sozinha, até a hora do jantar que foi quando encontrei minha colega Estella.

— Ela é da sua classe?

— Sim, o nome dela é Estella Hennies.

— O que fazia no momento em que Lilly caiu?

— Eu estava no meu quarto, já estava dormindo.

— O que fez quando ouviu o barulho?

— Me assustei e olhei pela janela, vi que todas estavam indo para o prédio, então eu também fui.

— O que viu quando chegou?

— Nada, tinha muitas pessoas, e os seguranças estavam fazendo todas voltarem para os quartos, eu só ouvi que tinha muito...sangue.

— Me mostre as suas mãos Samara — a garota mostrou-lhe, não havia nada em suas mãos.

— Pode ir, peça para Hanna voltar, por favor — Jean sorriu levemente para a estudante, que retribuiu. Quando saiu da sala, Samara avistou Estella que cutucou sua cintura, a garota sentiu um certo arrepio.

— Estella! Não faça isso — Samara olhou em volta, a amiga gargalhou.

— Agora é minha vez de ficar a sós com o investigador — ela piscou.

— Não fique tão animada, Já vou chamar a Hanna para voltar — deu as costas.

— Espere só mais alguns minutos.

— Lamento, mas os investigadores precisam trabalhar — Samara abriu um sorriso.

Estella Hennies entrou na sala de interrogatório, Jean logo que a viu perguntou por seu pai, sem resposta, ela fechou a porta sem dar as costas. Caminhou vagarosamente, cada passo a deixava mais atraente. Seus olhos, carregados de mistério e desejo, fixaram-se no policial enquanto se acomodava em cima da mesa, cruzou as pernas com um toque de sensualidade, Jean, por sua vez, cruzou os braços se inclinando para trás.

— Isso que está aí na sua frente se chama cadeira, e ela serve para que você não precise se sentar na mesa.

— Eu sei, só me sentei aqui porque queria ficar mais próxima a você — colocou a mão nos lábios do rapaz, que imediatamente segurou em seu pulso, retirando a mão dela.

— Usou alguma coisa que devia? — ele se levantou examinando se os olhos dela estavam vermelhos, não contente, a garota se aproveitou da pouca distância, roubando-lhe um leve beijo na boca, o investigador se afastou rapidamente, com a mão na boca sem palavras. Ouvindo a maçaneta Estella se levantou indo até a cadeira.

— Com licença, investigador — Karl Hennies abriu a porta, Hanna chegou logo em seguida — Por favor, entre primeiro, senhorita — estendendo o braço para Hanna passar.

— Muito obrigado — ela soltou um riso tímido.

— Me perdoem, eu fui beber um café — Karl se sentou ao lado da filha, Jean ainda em pé, estava confuso, porém, se recompôs, sentando-se junto a Hanna.

— Eu suponho que você foi a primeira pessoa a chegar no vigésimo andar, já que a sua sala fica um andar abaixo, estou certo, Karl Hennies?

— Na verdade não, eu já estava no estacionamento, acompanhado de minha filha Estella — os dois se olharam sorrindo — E também da minha outra filha, Joelle.

— Ouviu o vidro quebrando do estacionamento?

— Não investigador, um funcionário veio a meu encontro.

— Qual funcionário? — Estella passou os pés no meio das pernas de Jean, ele se levantou depressa, Hanna e Karl o olharam confusos.

— Algum problema? — questionou Karl.

— Acho que um rato passou pelo meu pé.

— Rato! - Hanna se espantou, olhando para o chão.

— Vocês não dedetizam esse lugar, quanto desleixo — resmungou o diretor.

— Tem medo de ratos Jean? — Estella ergueu a sobrancelha.

— Só de ratazanas — voltou a se sentar.

— Como eu ia dizer, era um faxineiro, não me lembro seu nome — Karl disse.

— O que fez quando chegou no local?

— Subi até o andar em que a janela estava quebrada, mas não havia ninguém ali, apenas uma porta totalmente aberta, tranquei-a, e por descuido levei a chave, inclusive, os resultados das digitais, certamente vão apontar para mim.

— Certo, eu quero conversar com todas as pessoas que limpavam o colégio naquele dia.

— Como quiser, investigador.

— Por que mandou... — Estella tornou a passar os pés em sua perna, Jean engoliu em seco — Mandou que levassem o corpo? — irritado ele pisou no outro pé da garota, fazendo-a soltar um grito.

— Querida, o que ouve? - perguntou Hennies calmamente, Hanna observou preocupada.

— Jean pisou em meu pé — Hennies e a policial se voltaram para o rapaz, que ficou incrédulo.

— Me desculpe, não tive intenção — em tom de ironia.

— Tudo bem mas — Estella tirou o sapato se levantando e indo até o investigador — Veja — colocou o pé sobre o colo dele — Me machucou — Jean virou a cabeça para o outro lado, Hanna o olhou com a boca aberta, Karl levantou-se.

— Estella volte a se sentar! — a garota abaixou a cabeça e voltou a seu lugar — Me perdoem, minha filha é muito ingênua. Mas respondendo a sua pergunta, as garotas estavam passando mal, e eu realmente achei que ela havia se suicidado.

— Quando foi que viu Lilly Olive pela última vez ontem, Estella? — Jean colocou os cotovelos na mesa.

— Acredito que foi pela manhã, investigador — ela fez o mesmo.

— Não teve mais aulas com ela?

— Só assisti até as 9 da manhã, tenho certas obrigações como presidente.

— Seu pai disse que estava com ele quando a vítima caiu, o que fez quando a viu?

— Eu nem me recordo direito, foi um choque para mim, ver todo aquele sangue.

— Aonde estava quando chegamos?

— Pode não ter me visto, mas eu estava no salão da recepção — a garota soltou um leve sorriso, Jean chegou a se sentir tonto com o tanto que Estella mergulhava no fundo de seus olhos.

— Como era sua relação com Olive?

— Eu tentei fazer com que ela aprendesse conviver com todas, mas era totalmente antissocial, agressiva.

— Posso ver suas mãos? — a estudante se levantou estendendo as mãos.

— Vou te contar algo sobre as mãos — agachando até a orelha do investigador, deu-lhe uma leve mordida, Jean arrepiou-se, a olhando com verdadeiro ódio.

— O que disse a ele? — perguntou Karl se levantando.

— É um segredo nosso, papai, não se meta.

— Tudo bem, perdoe-me meu amor — pai e filha sorriram se despedindo, saíram da sala de braços dados.

— O que ela disse? — perguntou Hanna com a sobrancelha franzida.

— Isso não importa, vou ligar para a secretária do Hennies, quero confirmar se estavam na aula na hora em que me disseram. Hanna vá até a casa da Lilly, pergunte se ela recebia alguma colega quando estava lá — a investigadora confirmou pegando seu casaco de couro marrom. Jean seguiu para sua sala. Em uma ligação com Margot, ela confirmou os horários, que as garotas disseram estar em aula.

— Eu preciso que você pergunte aos funcionários se no jantar de ontem, Lilly Olive, Samara Abrams, Elisabeth Becker, Annie Kimura e Estella Hennies foram até o refeitório — o rapaz segurava o telefone, com os pés na mesa.

— Tudo bem, volto já — respondeu irritada, em seus pensamentos, Margot abominava Jean por atrapalhar seu trabalho.

20 minutos se passaram o investigador estava a ponto de levantar e se dirigir até o colégio, quando Margot finalmente murmurou algo pelo telefone.

— O refeitório fica em outra cidade? — ele perguntou.

— Não compreendo — respondeu confusa.

— Estavam ou não na hora do jantar?

— Eu perguntei a alguns funcionários, Lilly e Annie não estavam lá.

— Certo, senhora Marks amanhã vou para o colégio, quero que reúna todos os funcionários que foram responsáveis pela limpeza na madrugada de hoje.

— Há que horas virão?

— As 8 da manhã — ambos despediram-se desligando o telefone.

No rádio do carro tocava “elderly woman behind the counter in a small town” Hanna cantarolava feliz enquanto dirigia, fantasiando se declarar para seu amor de infância, nos jardins de sua imaginação desmedida, ela se recordava de quando viu Jean Mace pela primeira vez, até ser interrompida pela chegada no endereço da vereadora Megan Olive. A residência era enorme e luxuosa, a investigadora se encantou pelo local.

Após longos minutos, o quadro investigativo estava quase finalizado, no centro se localizava a vítima, ao lado o carrinho, no canto superior o martelo, nas outras laterais o nome das garotas com anotações. Jean analisava

detalhadamente, encostado na mesa com a mão no queixo, o barulho da maçaneta ressoou, um homem alto de cavanhaque entrou sorridente.

— O mandado para revistar o quarto da vítima — entregou-lhe um papel — Os demais que você pediu, vai sair daqui alguns dias.

— Alguns dias? Com alguns dias a pessoa que fez isso pode sumir daqui — disse o investigador irado.

— Você sabe como é, propriedade privada — o homem se voltou para o quadro.

— Isso não está certo, Gregor, mas não vai ficar assim.

— O quarto da qual você quer revistar? — o homem olhou para o quadro.

— De todas, Annie Kimura mentiu no interrogatório. Elisabeth Becker tem o hematoma, que eu cogitei para o assassino. Samara Abrams foi a última a vê-la, e Estella Hennies tentou flertar comigo na frente do pai dela e da Hanna — Gregor iniciou um ataque de risos — Ela é dissimulada.

— Ao menos ela é gostosa?

— Por que em vez de falar idiotices, você não vai trabalhar?

— Relaxa, eu só quis quebrar... — ambos se voltaram para porta que se abriu, Hanna entrou calmamente.

— Hoje você não pode reclamar que não fui rápida — ela disse se aproximando da mesa sorrindo.

— Realmente Hanna, uma vez em 1 ano, já pode concorrer com Usain Bolt — o risonho Gregor voltou a gargalhar, a jovem desmanchou o sorriso.

— Quantos casos o Gregor já resolveu? Porque eu não me lembro de nenhum — Hanna voltou-se para Jean.

— Realmente, Gregor só serve para dizer o que não deve — Jean o olhou — O que ainda faz aqui, Gregor? — o homem saiu cabisbaixo, Jean voltou a olhar para o quadro.

— Então aonde vamos jantar? — Hanna se aproximou deitando no ombro do colega.

— Havia esquecido disso, me desculpe.

— Eu sei, mas agora você lembrou, e está tarde, já podemos ir — ela o puxou pelo braço.

— Espere, não me contou como foi na casa dos Olive — parando Hanna.

— A mãe dela mal falou comigo, o padrasto nem lembrava quando foi o último fim de semana que a garota foi para casa, e os empregados disseram que ela levava uma colega para dormir em casa, mas isso já faz alguns meses.

— Eu preciso descobrir quem é. A mãe dela não estava em uma assembleia? — ele franziu a sobrancelha.

— Acho que foi só um pretexto, mas eu não quero falar em trabalho — os dois voltaram a caminhar.

— E do que falaremos, promoções? — saíram rindo entusiasmados.

Jean e Hanna foram a uma pizzaria, ela sempre tocando em perceptivas futuras, já o rapaz era um ótimo ouvinte, porém, quando tentava argumentar sempre acabava tropeçando em assuntos do trabalho novamente.

— Mamãe disse que está com saudades de você — ela disse mordendo a pizza de pepperoni.

— Faz anos que não a vejo, desde que seu pai... — ele olhou para baixo.

— Quando tivermos férias, podemos ir vê-la, nós viajamos juntos.

— Ótima ideia — ele sorriu pegando a pizza do prato.

Após caminharem por um tempo, Jean a convidou para irem embora. Ao chegarem em frente a casa dela, a jovem finalmente encheu-se de coragem e tentou beijá-lo no carro, porém, Jean recuou.

— Me perdoe Hanna. Desculpe se fiz você interpretar mal as coisas, mas você para mim, sempre foi como uma irmã — estava surpreso com o sentimento da colega.

— Não é porque meu pai te ajudou, que somos irmãos — ela pareceu irritada.

— Você está certa, mas pra mim era isso que tínhamos.

— Nunca foi isso, desde que eu era uma garotinha, desde sempre, eu te amo.

— Desculpa, mas um alguém tão vazio como eu, jamais vai poder retribuir um amor tão puro quanto o seu.

— Ok, vamos esquecer isso então — os olhos dela umedeceram, Jean confirmou com a cabeça, ela saiu do veículo, Jean permaneceu ali por alguns segundos. Possuía um enorme carinho por ela, não suportava a ver magoada, entretanto, nunca a viu como mulher, aos olhos dele era a garotinha que conheceu há 16 anos.

3º CAPÍTULO

“verdades ocultas”

Sob a sombra protetora de um carvalho-vermelho, Samara Abrams sentava-se em silêncio, perdida em pensamentos. As folhas acima balançam suavemente, tingidas de um vermelho intenso. Seus olhos, de um brilho sereno, estavam fixos no lago à sua frente, cujas águas cristalinas revelavam um abismo profundo. O lago, calmo e misterioso, reflete o céu claro, mas esconde segredos nas suas profundezas, seus dedos traçavam círculos na grama macia. Sentia-se preocupada, até avistar Estella Hennies vindo em sua direção, a jovem Samara abriu um sorriso quando a amiga sentou a seu lado.

— Voltou ontem, depois do interrogatório? — questionou Abrams.

— Não, fui para casa, mas gostaria de ter ficado lá — deitando-se de bruços.

— Desista, o investigador pode ser casado, e já deve ser muito mais velho que você.

— Não é casado, não usa aliança, e a idade pouco me importa.

— Queria ter sua coragem.

— Não fique triste Samara — Estella se levantou — Se quiser vamos os 3 juntos — sentando no colo da amiga, ela soltou um grito.

— Pare com isso — empurrou a presidente — Alguém pode entender errado e contar para minha mãe — Estella mordeu os lábios deitando-se, enquanto Samara se encostava na árvore.

— O investigador ficou desconfiado de você? — perguntou Estella.

— Eu não sei, espero que não — franziu a sobrancelha.

— Bem, agora tenho que ir, quando ele chegar tenho que ver para onde vai — levantou-se, sacudindo a roupa.

— Isso não vai acabar bem — adivertiu Samara, entretanto, a colega deu pouca importância.

Jean havia passado buscar Hanna para irem ao colégio, o investigador apenas lhe passou que ela devia falar com os funcionários da limpeza, a jovem parecia ainda estar irritada pelo dia anterior. Chegando na escola, o rapaz iria fazer uma vistoria no quarto da estudante assassinada, enquanto Hanna foi cumprir a ordem que havia recebido. O dormitório se localizava atrás do prédio da escola, havia um corredor ligando ambas as instalações. Quartos um ao lado do outro e emblemas com o nome das alunas nas portas. Jean já havia pego a chave, no entanto, a porta estava aberta. o espaço estava bagunçado, os lençóis e cobertores espalhados pelo colchão, nas paredes escuras alguns pôsteres de Nirvana, roupas sujas espalhadas pelo chão, indo até o closet, pode ver que também se encontrava anárquico, revirando as prateleiras, o rapaz encontrou um caderno com datas e confissões, supos que fosse o diário da garota, Jean o guardou no casaco. Voltando foi até a mesa do computador, que se encontrava desbloqueado, clicando no navegador ele pode ver o histórico de suas pesquisas, havia alguns cliques em sites pornográficos, buscas sobre dietas, no e-mail notificações do colégio, checando a galeria encontrou várias fotografias de Estella Hennies distraída, bem como, de uma garota a qual usava um laço vermelho parecido com o de Estella, e por último uma de Samara Abrams sentada na privada, a perspectiva era de cima, provavelmente Lilly subiu na privada da cabine ao lado, para registrar o momento. O rapaz percebeu quando a porta se abriu, se virando imediatamente. Segurando a maçaneta da porta estava Estella, a garota sorriu levemente fechando-a e indo até Jean.

— Não sabia que Lilly era uma stalker — sentou-se na mesa do computador, Jean se afastou levemente.

— Por que está me perseguindo? Eu tenho certeza que não é porque você está “solitária” — ela cutucava a barra da saia.

— É ai que você engana, fico a semana toda aqui trancada, é tão doloroso – acariciou a face do homem.

— Pois para mim, parece que está tentando me distrair do meu objetivo — sorriu fazendo o mesmo gesto na garota.

— Você entendeu muito mal, bobinho — Estella afastou-se levemente — Apenas aproveite a oportunidade.

— Essa oportunidade eu pretendo desperdiçar — riu com sarcasmo.

— Tem certeza, investigador — a garota foi para bem perto de Jean encostando os seios em seu peitoral, ele se afastou.

— Saia daqui — virou-se.

— E se eu não sair, o que vai fazer? — Estella caminhou indo em direção a cama, abrindo o zíper da saia, a peça deslizou de seus quadris, revelando curvas generosas, envoltas em um sedutor tecido negro, deitou-se de bruços, enquanto o encarava. Jean sentiu o desejo invadir seu corpo, entretanto, sua convicção era mais forte, e ninguém poderia lhe desviar de seu único e verdadeiro objetivo.

— Nesse caso, saio eu — voltou ao computador, retirando um pen drive do bolso, a fim de transferir as fotos. A garota sentou-se, tirando os sapatos depois o casaco.

— Olhe! — abriu a camisa branca revelando os seios generosos, cobertos por um sutiã preto de rendas, o rapaz sentiu-se tentado novamente, porém, terminou de salvar as fotos e saiu batendo a porta sem olhar para trás.

— Filho da puta! — Estella gargalhou se jogando na cama.

Pressionando o tronco de uma árvore com as mãos trêmulas, estava Elisabeth Becker, logo de manhã havia recebido uma mensagem de Otto, intimando-a a esperar sob a sombra da planta, seu coração parecia que, a qualquer momento saltaria do corpo, desatenta, a estudante levou um susto quando o homem tocou em sua cintura.

— Não faça isso — pulou com um largo sorriso, nos braços do docente.

— Eu estava louco de saudades — deixando sua mão escorregar suavemente pelas costas dela, terminando em um apertão forte, Elisabeth o empurrou.

— Sabe que não gosto desse tipo de carinho.

— Te farei outros tipos, vamos para seu quarto Lis, agora estão todas em aula — segurou nos braços dela.

— E se alguém nos ver?

— Vamos pelos fundos, ninguém nos verá, desse jeito não consigo me concentrar, passo o dia pensando em... — percorreu a jovem com os olhos.

— Tudo bem, mas assim que terminarmos vai falar com sua esposa, acabar tudo com ela.

— Isso já é uma certeza, vá na frente, no dormitório nos encontramos — Lis sorriu indo para seu destino.

Hanna Bardiche se encontrava no subsolo com os funcionários responsáveis pela limpeza, eram cerca de 50, a mulher sentia-se à deriva em um oceano de pessoas, ela sabia que entregar resultados impecáveis era para o colega e para si, de veemente importância, respirando, finalmente tomou sua decisão, perguntando em alto e bom som em qual horário começavam a limpeza e em qual terminavam.

— Iniciamos as 8 da noite, e finalizamos no máximo as 00:30 — respondeu a líder.

— Depois de acabar vão direto para casa, ou ficam mais um tempo? — ela anotava em seu pequeno bloco.

— Guardamos tudo e vamos para casa.

— Quem foram os responsáveis pela limpeza do vigésimo andar? Levantem a mão, por favor — 8 pessoas levantaram.

— Há que horas começaram?

— Começamos as 8:20 e terminamos por volta das 10 — um homem falou.

— O chão de alguma sala ou do corredor, estava manchado de...sangue? — as pessoas pareceram apreensivas diante da pergunta.

— Não, estava tudo normal.

— Apareceu alguma aluna enquanto estavam lá?

— Não, na hora em que começamos a limpeza fechamos as portas de entradas do prédio.

— Jean vai adorar saber disso! — Hanna soltou um largo sorriso, os funcionários a olharam com julgamento, ela se ajeitou envergonhada.

— Tudo bem, viram alguma garota pegando um carrinho de limpeza daqui? — em resposta a líder afirmou que não — Certo, quem avisou Karl Hennies que a garota havia caído — um jovem levantou a mão — Pode vir comigo? Um colega meu vai falar com você — ele confirmou, a mulher agradeceu aos ali presentes, se retirando na companhia do jovem.

Assim como fez no quarto de Lilly, Jean Mace planejava revistar os quartos de Annie, Elisabeth e Samara, o investigador precisava ser rápido, pois, não havia conseguido o mandado para revistá-los, mas foi obrigado a parar por alguns instantes, devido aos acontecimentos anteriores, encostando na parede, ele respirava fundo, o calor tomava seu corpo e pensamentos, depois de alguns segundos, finalmente conseguiu voltar a si. Tornou a dirigir-se ao dormitório de Annie, como já era de se esperar, a porta se encontrava trancada, o investigador retirou cliques do bolso da jaqueta, destravando a fechadura, entrou sorrateiramente, a instalação era de extrema organização, sem perder tempo, Mace fuçou nas roupas em busca de alguma peça manchada de sangue, mas foi na gaveta da garota que encontrou uma fotografia de Lilly Olive vestida em um maiô, haviam outras garotas ao redor, seguravam a boca como se estivessem gargalhando, prontamente, guardou o papel, apressando-se a sair do ambiente.

Quando estava prestes a virar o corredor, em direção a porta de Elisabeth, avistou a estudante chegando, um homem a acompanhava estando a alguns passos atrás dela.

— Investigador — ela gaguejou surpresa, o professor também parou.

— Oi Elisabeth, não devia estar em aula? — Jean disse franzindo a sobancelha.

— É exatamente por isso que vim. Elisabeth estava trancada em seu quarto, e hoje temos um exame importantíssimo, vim buscá-la — respondeu o homem antes que a garota pudesse dizer algo.

— Exame importante? — repetiu Jean, com tom de confusão.

— Me perdoe sou Otto White, professor de geometria — estendeu a mão.

— Jean Mace, investigador, eu tive a impressão de que estavam vindo, e não indo.

— É que esqueci meu caderno e voltei para pegar, Ott... o Sr white veio apenas para ter certeza que eu não ia ficar ai — Elisabeth engoliu a saliva, nervosa.

— Tudo bem, pode ir pegar seu caderno, eu e o professor vamos indo, preciso saber algumas coisas sobre a Olive.

— E vá fazer o exame, sua nota depende disso — acrescentou o professor, Elisabeth confirmou, Mace e White viraram as costas.

Durante a percurso Otto aguardava a pergunta do investigador, porém, ele continuava calado e enigmático, em seus pensamentos corria a incerteza de que Jean pudera ter desconfiado de algo, na saída do dormitório finalmente parou indagando-o.

— Em algum momento presenciou alguém ameaçar Lilly Olive?

— Não, eu sempre expulsava Olive das minhas aulas, era incontrolável.

— Certo, acho que já pode retornar para sua aula, correto? — Otto cogitou afirmar-lhe que esperaria por Elisabeth, com tudo, repensou a decisão, afinal lhe fez uma única e simples pergunta, optando por confirmar e seguir seu destino.

Jean permaneceu a espera de Elisabeth, pois não queria perder a oportunidade de revistar os quartos, Com os olhos fixos no relógio, ansiava sua saída, até que avistou Hanna caminhando a seu encontro, acompanhada do jovem cabisbaixo.

— Foi ele quem avisou o sr Hennies — a mulher falou animada — Qual seu nome mesmo? — se voltou para o funcionário.

— Meu nome é Miguel Boneta, é um prazer conhecê-los.

— Jean Mace — o investigador estendeu a mão o cumprimentando — Hanna veio esse percurso inteiro sem perguntar o nome dele? — Jean pareceu irritado, ela olhou para o lado, tentando disfarçar — Espere um instante eu preciso falar com minha colega — disse Jean chamando a mulher para ir um pouco mais a frente, o jovem concordou, balançando a cabeça positivamente. O investigador pediu para que Hanna lhe passasse os detalhes ali, ficando bastante entusiasmado com as informações, ao fim, voltaram para perto do funcionário.

— Pelo que Hanna me relatou, os funcionários ficam no máximo até as 1:00, o que fazia aqui as 2 da madrugada?

— Não digam a minha superiora, mas acabei dormindo depois de limpar o andar.

— Dormiu aonde?

— No banheiro dos funcionários — ele ofegava.

— Aonde fica?

— O que eu usei fica no subsolo.

— Qual horário?

— Não tenho certeza, talvez as 10 ou 10:20.

— Qual andar você limpou?

— O segundo.

— Você trabalha somente nesse emprego?

— Sim, senhor.

— E não tem tempo para dormir de dia? — Miguel olhou para o chão.

— Eu cuido da minha avó doente.

— Certo, pode ir Miguel.

— Adeus, senhor — o jovem virou as costas, revelando os mesmos gestos com os quais chegou.

— O que acha? — questionou Hanna enquanto o observavam sumir pelo corredor.

— Está mentido, mas preciso ter certeza — encostou no corrimão, enquanto observava o além — Depois do que você me disse, tenho 2 alternativas.

— Quais são? — ela se aproximou curiosa.

— Vamos detalhar tudo amanhã, quando eu tiver mais informações.

— Amanhã? Mas no sábado não seria minha folga?

— Sua folga será no dia da minha folga, e em casos como esses, não tenho nenhuma — piscou para a colega, que esboçou uma face de frustração — Agora vamos, Elisabeth não sairá daí, eu preciso falar com Margot — Jean poise a caminhar, a investigadora o seguiu ainda frustrada.

Sentada em sua mesa com a mão contra o queixo, Margot Scott segurava uma fotografia aonde estava estampado o rosto de um menino que aparentava seus 10 anos, ao lado da criança, Otto White com um largo sorriso, o olhar da mulher era de ternura, seu momento afetuoso foi interrompido pelo barulho do elevador, da cabine saíram os investigadores.

— Bom dia — o rapaz se aproximou da mesa.

— Bom dia — Scott respondeu com um tom grosseiro

— Quem são? — perguntou Jean espiando a fotografia.

— Meu marido e meu filho, do que os senhores gostariam? — guardou a foto na gaveta da mesa.

— Conheci seu marido hoje, ele tinha um exame importante — Mace olhou para cima, como quem tenta se recordar.

— Do que está falando? — ela se levantou confusa.

— Me disse que tinha um exame importante. Era tão importante que ele foi até o dormitório de uma garota buscá-la, devia ser de extrema importância.

— Está insinuando algo? — sua expressão fechou completamente.

— De maneira alguma.

— Ótimo, porque meu marido é um homem de muito respeito.

— Certo, mas eu não vim falar da sua vida conjugal, preciso imprimir algumas fotos, para que você me diga quem é essa garota — retirou o pen drive do bolso.

— Na última sala desse corredor, tem um computador, é só mandar para minha impressora — apontou para o corredor.

— Faça isso Hanna, quero as 3 fotos que estão aí — entregou o dispositivo para colega que foi imediatamente, a mulher havia sido relativamente rápida. Assim que as fotos saíram, Jean mostrou para Margot, a garota que desejava identificar.

— Essa é Joelle Hennies — respondeu a secretária, olhando para o papel.

— É filha de Karl Hennies? — ele abaixou a fotografia, Margot confirmou — Aonde a encontro?

— Há essas horas, presumo que esteja em aula, na classe 12, quarto andar.

— Eu também preciso do endereço de um funcionário.

— Qual nome dele?

— Miguel Boneta, ele é faxineiro — a secretária buscou em seu computador, localizando a informação.

— Vou anotar para você — entregou-lhe um papel, Jean Mace agradeceu, pondo-se a caminhar em direção ao elevador, Hanna apareceu logo após, correndo para alcançar o colega.

Esgueirando-se pelo corredor aonde se encontrava sua classe, Elisabeth roía as unhas, não conseguia deixar de supor as consequências de seu quase flagra com Otto, e se o investigador não houvesse acreditado no pretexto dado, quando estava bem próxima da sala pretendida, encostou-se na parede, avistando Samara Abrams voltando, como sempre, olhava para o nada, encolhida e de ombros caídos.

— Samara! Por favor, espere — pegando no braço da garota.

— O que aconteceu? — Abrams questionou baixinho, sem encarar a colega.

— Quando entrar na sala pode dizer a Estella, para vir aqui, quero entrar na aula mas se eu entrar vou levar um sermão, e falta muito para o intervalo — pediu delicadamente.

— Desculpe Elisabeth, Estella não está na sala — a garota lamentou, voltando ao seu destino depois do agradecimento de Becker.

— E aonde estará? — pensou consigo mesma voltando a parede.

O piso cantava em conjunto com os sapatos altos, enquanto Estella desfilava pelo corredor, na expressão o meio sorriso, os braços para trás, a sua frente, Jean Mace caminhando com seu olhar confiante e semblante gélido, atrás dele Hanna Bardiche tentando o acompanhar.

— Jean, nos encontramos novamente — Estela mergulhou nos olhos do homem, Hanna, por sua vez, sentiu estranheza em tanta intimidade.

— É muita coincidência, não acha? — agora seu olhar possuía resquícios de um ódio demasiado.

— Bem, eu tenho certeza — ela deu alguns passos até a investigadora — Hanna querida, precisam de alguma ajuda?

— Está tudo sob controle, muito obrigado — a mulher respondeu embaraçada, nem mesmo suas amigas na adolescência, possuíam tanta familiaridade. A garota sorriu, voltando-se para Jean.

— Talvez isso possa ser útil, cheque as fotos — estendeu um pen drive para o policial, ele o pegou desconfiado, antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta, a garota acenou se retirando.

— Posso averiguar se quiser — Hanna se aproximou olhando o objeto na mão dele.

— É melhor eu fazer isso — colocou em seu bolso — Vamos até a garota.

Na última carteira encostada à janela, repousava uma estudante. Seu olhar amargo, como um mistério não resolvido, se perdia na vastidão do jardim. Todas as palavras murmuradas pela professora, eram ignoradas, estava naquele

ambiente em presença, porém, não em espírito, quando ouviu o bater da porta, a garota absteve-se de qualquer importância, até ouvir seu nome.

— Preciso falar com Joelle Hennies — ouviu o homem dizer a docente, que a chamou em seguida. Sem muita escolha se levantou a caminho dele — Podemos conversar? — ela confirmou, saindo e fechando a porta. Jean a chamou para ir perto da janela, Joelle possuía um andar robótico, sem exibir nenhuma expressão na face — Conhecia Lilly Olive?

— Conversávamos — olhou para a janela.

— A viu no dia do incidente?

— Não, a última vez que nos falamos foi na segunda.

— Ela não te contou nada sobre alguma briga com alguém?

— Bem, me recordo de uma brincadeira que fez com uma garota, Samara, não a conheço.

— Quando foi isso?

— Há uma semana atrás, por aí.

— Qual foi essa “brincadeira”?

— Tirou uma foto dela na privada, e colocou em todos os armários.

— Sabe por que fez isso?

— Sei apenas que as garotas riram da Olive, e ela ficou com raiva.

— Certo, pode voltar para aula, obrigado — Joelle apenas consentiu, virando-se e caminhando de volta para sala.

Em sua mesa Margot tentava se concentrar no trabalho, porém, não parava um segundo de pensar no que o investigador havia lhe dito. O que seu marido faria no dormitório de uma adolescente, aquilo a torturava, não podia nem cogitar essa possibilidade, ao ouvir o elevador, virou seu rosto para o lado.

— Meu amor, me chamou — Otto veio caminhando em sua direção, tentando lhe dar um beijo, mas a mulher recuou levantando.

— O que fazia no dormitório das garotas? — com as mãos na cintura.

— No dormitório... — olhou para cima — Ah sim, lembrei-me, fui chamar uma aluna para fazer um exame substitutivo, ela foi péssima no primeiro...Espere não, não — fez uma expressão de surpresa — Está desconfiando de mim? — colocou a mão no peito.

— Você não precisava ter ido até lá, poderia esperar ela aparecer na aula, enviar um e-mail...

— Não posso acreditar no que ouço — sentou na cadeira dela — Acha que eu sairia com uma menina?

— Isso é você quem está dizendo.

— Não Margot, foi você quem insinuou, mas aqui é meu local de trabalho, não quero correr o risco do sr. Hennies chegar, e me demitir — levantou-se — Eu penso no nosso filho — caminhou em direção a saída.

— O Hennies não veio, e nós dois sabemos bem, que você mal olha para o meu filho.

— Em casa nos falamos — Otto se retirou, enquanto a mulher observou o nada com lágrimas nos olhos.

Jean Mace e Hanna Bardiche caminhavam para o estacionamento, o policial explicou aonde iriam, ele queria vigiar os passos de Miguel, pois não estava convencido de sua explicação. Chegando ao local puderam observar que se tratava de um bairro precário, com calçadas danificadas e buraco nas vias, as casas em sua maioria estavam degradadas. Ele passou em frente a casa do rapaz, estacionando quase na esquina.

— Será que ele já chegou? — questionou Hanna.

— Acho que não, as cortinas estão fechadas — Jean pulou para o banco de trás, como os vidros eram escuros poderia observar a vontade.

4 horas se passaram, Hanna estava em sono profundo, enquanto Jean se mantinha observando, no entanto, sua paciência já estava se esgotando. Ele cutucou a colega, acordando-a assustada.

— Jean! Aconteceu alguma coisa? — olhou para ele.

— Não, e esse é o problema. Vou até lá ver se está — abriu a porta — E fique acordada, Hanna! — saiu.

Jean andou calmamente, havia algumas pessoas na frente de suas casas o observando. Chegando na frente da residência de Miguel, bateu à porta, sem respostas, tentou novamente, virou-se para trás notando que na casa da frente uma senhora maltrapilha, fumava com as mãos na cintura, o policial caminhou até ela.

— Boa tarde, sabe me dizer a que horas o Miguel volta? — ela soltou a fumaça.

— Já era pra ter chegado — o olhou de cima a baixo.

— Ele costuma sair durante o dia?

— Tenho cara de informante? — jogou o cigarro no chão apagando com o pé.

— Tem cara de quem vai dizer o que perguntei — afastou a jaqueta, mostrando a arma presa na cintura.

— Só sai a noite, pra trabalhar — a voz se tornou mansa.

— Ele tem uma avó doente?

— Se tem, é tão doente que eu nunca vi sair.

— Certo, obrigado — Jean voltou cuidadosamente para o carro, zelando pelas suas costas.

— Não chegou em casa ainda — disse entrando no carro.

— O que acha que ouviu?

— Não sei, mas agora tenho certeza que mentiu, vamos voltar para o departamento e puxar a ficha completa dele, depois checamos se foi trabalhar — ligou o carro.

Voltando ao departamento, o investigador pediu para que Gregor conseguisse as informações sobre Miguel, enquanto ele e Hanna foram para sua sala, estava curioso para saber o que havia no pen drive, que Estella havia lhe entregado, sentou-se na sua cadeira, enquanto a policial, na cadeira a frente. Com pressa, Jean abriu o notebook colocando o dispositivo, ao checar as pastas, seus olhos arregalaram, se tratava de uma sequência de fotos de Estella Hennies nua, em posições diversificadas, o rapaz ficou sem reações fazendo a colega questionar.

— O que tem aí? — levantou-se para ir ver, Jean fechou o computador rapidamente, puxando a cadeira mais perto da mesa, Hanna franziu a sobrancelha.

— Não era nada de relevante — forçou a garganta — Só uma brincadeira, de péssimo gosto.

— Que brincadeira? — ela foi com a mão para abrir o computador, mas Jean o puxou.

— Não quero que veja, é desrespeitoso.

— O que vai fazer?

— Vou encarar isso como uma porcentagem de culpa no homicídio da Olive. Vá buscar café, Hanna — a mulher fez uma careca, acatando a ordem. Jean ficou com os braços em cima do aparelho, sua mente lhe sugeria abri-lo, já a razão o punia por cogitar isso.

— Não, eu tenho coisas importantes para fazer — retirou o dispositivo do computador, o colocando no bolso.

A tarde correu. Gregor trouxe as informações de Miguel Boneta, ele tinha 23 anos, era mexicano e havia sido casado com uma americana por 2 anos, mas a pouco tempo a mulher faleceu. Às 9 h da noite constataram que ele não havia

comparecido para trabalhar, bem como, não voltou para casa. Uma equipe foi acionada em sua busca. Jean permaneceu no departamento até a meia-noite, quando resolveu ir para casa. O policial residia em um bom bairro, não chegava ser um subúrbio mas sem dúvidas era um ótimo lugar, a estrutura de sua casa era relativamente grande, sua gatinha Rebecca o esperava ansiosamente em cima da bancada da cozinha, ela tinha os pelos tão negros quanto a noite, o rapaz fez lhe um carinho, depois tirou a jaqueta e a camisa, indo para o banho. Enquanto estava no chuveiro sua mente escapou um tanto, se direcionando as fotos que Estella havia lhe entregado, imediatamente, ele desferiu um tapa forte no próprio rosto. Após se vestir preparou seu Bourbon indo para o sofá com o diário de Lilly em mãos e Rebecca a seu lado.

4º Capítulo

"diário de Lilly - "meu vergonhoso caderninho ""

2006-03-07

Meu outro caderno acabou então você será minha vitima, hoje foi um dia de merda, Jade foi embora e agora estou escolhendo quem será meu próximo brinquedo, estou entre Samara Abrams e Tony Vickers, é uma dúvida cruel, Samara é Judia então tenho um pacote imenso de piadas, e Tony é negra o que já a torna nojenta por si mesma...

2006-03-09

Quero dizer que minha escolha foi a Vickers, hoje eu coloquei cola na palha que ela chama de cabelo, foi muito engraçado ver a cara de idiota que ela fez, o único problema é que a vagabunda fez um escândalo, e a desgraçada da Violet Ostler veio defender a escurinha, talvez eu devesse colocar fogo nas duas, ou pagar para alguém estuprá-las, otárias...

2006-03-10

Vickers foi embora do colégio, com isso ganhei uma advertência, acho injusto, não tenho culpa de colocarem ela em uma escola, quando devia estar em um zoológico, fora isso as vadias da minha turma riram de mim na educação física, a merda da minha gordura balança quando eu corro, depois a magrela da Violet veio querer ser boazinha comigo, como se eu precisasse da sua piedade...

2006-03-15

Eu estava errada sobre Violet Ostler, na segunda e na terça passamos o dia todo conversando, eu nunca tive uma amiga tão bonita, o cabelo dela brilha no sol de tão amarelo que é, ela é magra mas tem peitos enormes, não te contei ainda mas eu gosto de garotas, nunca experimentei um homem, na verdade nem uma mulher, mas me masturbo pensando em garotas...

2006-03-17

Tenho gostado de passar o tempo com a Violet mas eu detesto que não me deixa rir das outras, hoje fui colar uma foto do Hitler no caderno da Samara, e Ostler me barrou, acho que ela não tem senso de humor, mas como ando com ela, as garotas tem me achado legal, amanhã mamãe tem um jantar com os amigos políticos, vou levar a Violet, assim mamãe vai se distrair com ela e não vai reparar que engordei...

2006-03-19

Violet aceitou vir jantar aqui, mas seria melhor se não tivesse vindo, mamãe ficou o tempo todo dizendo que estou enorme e o quanto Violet era bonita e magra, o imbecil do meu padrasto não parava de rir, e ficou o tempo todo comendo a bunda da Violet com os olhos, tirou até uma foto de nós duas com a minha câmera, depois que eu imprimi ele pediu uma cópia, tenho certeza que vai bater punheta pensando nela, nojento, ele tem 19 anos, só está com mamãe porque não quer trabalhar, os odeio e já pensei em morar com papai, mas ele nunca atende minhas ligações, acho que os filhos novos dele são mais interessantes que eu...



2006-03-22

Dia horrível, Violet insistiu para eu participar da aula de nataçã, odeio aquele maiô imundo, que esmaga minhas gorduras, enquanto aquelas vacas cochicham rindo, eu me escondi, a tarde vi Violet e Estella conversando, estavam rindo como se fossem duas putas, ah sim, ainda não falei, sobre a...Queria ter uma

coisa bem nojenta para dizer sobre Estella, mas está sempre perfeita, e todos gostam dela, acho que vou inventar que ela fede, ou colocar fogo no cabelo dela...

2006-03-30

Quero matar a Violet da pior forma possível, esquartejá-la, arrancar todas as suas viscerais, furar sua vagina nojenta, a odeio, odeio, vou pensar no que fazer contra ela.



Bruxa Violet queimando

2006-04-12

Estella e Violet estão andando juntinhas, devem estar se comendo em segredo também, elas dão risadinhas, e a violet nem lembra que eu existo, eu sei que Estella é muito mais bonita e legal que eu, mas jamais gostará da Violet como eu gostava, amanhã na hora do banho vou colocar um creme depilador no shampo da Violet, quero ver se a estrelinha presidente, vai continuar andando com uma careca...

2006-04-13

A vaca Estella me viu trocando o shampo da namorada dela, ela pegou da minha mão e passou nas minhas sobrancelhas, eu queria ter feito algo, mas me sinto constrangida perto dela, não sei explicar, ela parece tão grande quando está na minha frente, disse que se eu tentar fazer algo contra ela ou contra a Violet, vai rasgar todas as minhas roupas na frente das garotas, mas o que me deixou com

ódio foi ela ter dito que eu não servia pra andar com a violet, porque paresíamos Dot e a baleia...

2006-04-25

Oficialmente fiz uma nova vítima, Samara Abrams é tão tonta que chega me dar pena, na aula eu estendo meus braços por toda mesa dela, e a idiota não abre a boca, vou fazer uma montagem do Hitler pelado ao lado dela, mas estou em dúvida da onde devo colar, bom quando tiver a resposta de conto...

2006-04-26

A boa notícia é que coleí a foto no quadro, todas as garotas riram feito putas ganhando a mais, a tontamara só ficou com a mesma cara de estúpida que ela sempre faz, coitada não tem nenhuma amiga, a má notícia é que ganhei outra advertência, mas isso não importa, minha mãe nem atendeu o telefone, e não tenho medo nenhum dessa professora raquítica, eu apelidei ela de Lula Molusco, porque tem um cabeção em um corpinho, fora aquela cara toda enrugada dela...

2006-05-08

Acho que a bruxa Violet foi embora, já tem uma semana que ela não aparece no colégio, ainda bem, não suportava mais ver ela e Estella fazendo planos contra mim, o importante é que agora não quero me aliar a ninguém que não tenha o mesmo nível de inteligência que o meu...

2006-05-30

As férias vão começar e mamãe disse que vou para casa da minha vó, lá é meu lugar favorito de todo o mundo, vovó faz tudo o que eu quero, ela não briga se eu comer demais, meus primos são muito maiores que eu, não faço ideia de como a cama deles suporta, queria morar lá, mas mamãe jamais deixaria...

2006-08-21

Hoje foi o primeiro dia de aula, agora tenho que suportar a comedora de arroz, Annie é uma criaturinha detestável, aqueles olhos puxados são feios demais, por que ela não volta para o país dela? Mas não foi tudo horrível, vi Estella e a irmã discutido, aquela garota parece odiar a vaca Estella, talvez ela me conte algo que possa derrubar a perturbada, preciso me aproximar...

2006-08-22

Tenho que lhe contar, Samara chegou atrasada na aula e eu tive o prazer de dizer que achei que ela tinha ido pra câmara de gás, mas a amarela Annie Kimura acabou com minha piada, ela disse que eu devia voltar pra Africa, porque lá é lugar de elefante, e o bunda mole daquele Otto expulsou a mim da sala, sei que só fez isso porque quer comer a sonsa da Elisabeth que é a esposa daquela olho rasgado, mas ela vai me pagar, vou arrancar o cabelo dela, fio a fio...

2006-08-23

Falei com Joelle, ela disse que tem atritos com Estella, ela parece uma velha de 80 anos falando, mas me parece que tem mais ciúmes do pai delas, do que realmente odeia a bruxa, perguntei se sabia de algo que constrangesse Estella, ela disse que seria difícil, porque a vagabunda é muito cofiante...

2006-08-24

Passei o dia todo com Joelle, ela quase não fala mas eu tenho palavras por nós duas, perguntei porque a mãe delas nunca apareceu no colégio, Joelle disse que fugiu pra Europa, mas ela não parece se importar com isso, o diretor deve ser um pai legal, nunca falei com ele, quem sempre nos atende é Margot, mas do jeito que Joelle fala parece ser o melhor do mundo...

2006-08-29

Finalmente consegui uma camisa com a suástica, mês que vem é aniversário da Samara e eu não posso perder isso, acho que vou jogar uma coisa na cabeça dela também, poderia ser urina ou sêmen, mas o segundo seria muito difícil de conseguir, outra coisa legal também aconteceu, achei um vibrador no quarto da mamãe, mostrei a Joelle e propus que perdêssemos a virgindade juntas, ela aceitou e fomos até meu quarto, me assustei porque ela não depila a buceta, parece uma ratazana no meio das pernas, eu emprestei meu barbeador para ela, nossa parecia que um gorila tinha passado no meu banheiro, mamãe sempre me diz que os homens não se interessam nem pelas gordas nem pelas peludas, mas Joelle me disse que nem menstruou ainda, pudera aos 14 anos ela ainda não sangrou, eu disse que ela tinha que menstruar primeiro pra perder a virgindade, pra ela não se assustar com o sangue, então só nos tocamos e decidimos esperar...

2006-09-17

Enfim chegou o aniversário da judiazinha, a mãe dela veio vê-la, deu um colar com uma estrela pra ela, eu tive que esperar até a velha louca ir embora, parecia que moraria aqui, felizmente foi antes das aulas acabarem, quando Samara entrou na sala, eu dei um abraço nela pedindo desculpas, a idiota acreditou, dei o presente e quando ela abriu, todas as garotas seguraram a risada com a cara de imbecil que ela fez, e pra piorar ela só jogou a camisa no lixo e foi sentar, acho que no mundo inteiro não existe uma pessoa mais patética que Samara Abrams...

2006-10-04

Voltei, sei que fiquei uns bons dias sem aparecer, mas tudo estava correndo tão bem que fiquei com preguiça de registrar, Joelle tem se mostrado mais interessante do que eu imaginava, nós vemos pornô e comemos pizza, ela é meio masoquista, e só gosta de música clássica, que nojo, ensinei a ela gostar de músicas de verdade. Mas o verdadeiro motivo pelo qual te procurei hoje, é porque estou com ódio da vadia da Estella, é eu sei, nenhuma novidade até aí, mas agora ela começou defender a judia, são namoradinhas, está estragando minha diversão, quero matar ela enforcada...

2006-11-15

Que ódio, ódio, vou pegar aquelas vadias e estourar a cabeça delas, vou cortar suas gargantas, queimá-las, vou enfiar uma vassoura em suas bundas nojentas, aquela desgraçada da Estella me obrigou a vestir o maiô na hora da ginástica e era minúsculo, todas aquelas vacas riram, a puta da Annie tirou uma foto, até aquela judia imunda riu, mas ela vai me pagar, não adianta ela se esconder atrás da chupa buceta, vai sentir o mesmo que eu senti...

2006-11-17

Acabei de conseguir a peça fundamental para minha vingança, esperei até momento em que Samara Abrams foi até o banheiro, e tirei uma linda foto dela sentada na privada, agora aquela judiazinha vai aprender que está muito abaixo de mim...

2006-11-20

Espalhei a foto em vários armários e também nas mesas da minha turma, foi a coisa mais ilaria que já fiz, a judia até chorou, se eu fosse ela pediria que me

levassem para câmara de gás, o chato foi que levei uma suspensão, e tive que ouvir o sermão daquela tosca da Margot, o marido dela deve estar muito ocupado comendo garotinhas, por isso está tão azeda, mas isso nem me importa, de qualquer maneira, acho que não vou ser expulsa...

2006-11-28

Minha suspensão acabou hoje, mas não aguentei ver todas aquelas aulas idiotas, não acordei bem, não sei explicar o dia parece estranho, tive vontade de falar com meus avôs, e, alguém está batendo na porta, se algo interessante acontecer volto a te contar, caderno estúpido.

